

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM BIBLIOTECONOMIA (*)

SOLANGE PUNTEL MOSTAFA

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Curso de Mestrado em Biblioteconomia

Campinas, São Paulo

Analisa a produção/pesquisa em Biblioteconomia, com referência à teoria do conhecimento dentro da relação sujeito/objeto.

1. A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM BIBLIOTECONOMIA

A questão metodológica central na pesquisa em Biblioteconomia deve se referir à produção de conhecimentos na área. Como é que a produção de conhecimentos em Biblioteconomia se faz? Enquanto indagação filosófica, o problema metodológico central é o *problema do conhecimento*. Como o conhecimento é possível? Esta pergunta é clássica na filosofia de todos os tempos: posso ou não conhecer a realidade? Esta mesa à minha frente existe mesmo enquanto tal, fora de mim, ou só existe na medida em que eu a ponho, na medida em que eu a intuo?

Relações do pensamento com o ser, dicotomia teórico-prática, ou ainda relação sujeito-objeto são as formas de como a questão é conhecida. Qual a questão? O *problema do conhecimento*.

O fato de existirem esses dois pólos, uma realidade a conhecer e um ser cognoscente, já aponta as duas tendências que a pesquisa pode assumir: ou toda a verdade está no objeto, ou toda a verdade está no sujeito que o constrói. Digo tendência porque modernamente sabe-se que nem um nem outro modelo satisfaz. No primeiro caso,

(*) Trabalho apresentado por ocasião da Jornada de Estudos sobre Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, no Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, dias 15 e 16 de junho de 1983.

conhecer o objeto é descrevê-lo o mais apuradamente possível, uma vez que a sua explicitação é reveladora de toda a realidade; importa, neste caso, a instrumentação: quanto maior o grau de instrumentação para captar o objeto, tanto mais fiel será a descrição do mesmo e, portanto, maior será o conhecimento adquirido sobre ele. No segundo caso, como o objeto funciona mais como estímulo para o sujeito, a realidade está sempre comprometida com a consciência de quem a produziu, já que o próprio real carece de determinações: a realidade, não possuindo dinâmica própria, deixa que o sujeito a determine, segundo as suas leis do pensamento, segundo o seu subjetivismo.

Ora, para que o conhecimento se dê, é necessário uma fusão dessas duas correntes: nem o empirismo exagerado, nem o idealismo subjetivista (tampouco o idealismo objetivista de Schelling).

Depois da fusão, conhecer não é simplesmente o ato de descrever o mundo tal qual é (objetivismo, empirismo), ou tal qual gostaríamos que fosse (subjetivismo, idealismo), mas é transformá-lo, é ter sobre ele uma intenção prática.

Tudo isso é conversa de bar para o filósofo, mas para o bibliotecário é conversa de salão, tão isolada está a pesquisa bibliotecária da reflexão epistemológica. Desvinculada da Filosofia, a Biblioteconomia corre o risco de não produzir conhecimentos, partindo para generalizações, normalmente repetições de metodologias que pouco ou nada trazem de original, aonde os dados empíricos são até acessórios, mais para confirmar ou discordar daquelas generalizações.

Por outro lado, o próprio rigor acadêmico não reconhece na *atividade prática sensível* algum valor: a coerência interna da pesquisa, sua logicidade tautológica, é o que realmente pesa na balança da verdadeira pesquisa, enquanto que a transformação do real passa a ser secundária, até. Fica, assim, a pesquisa perdida em suas contradições.

As ciências sociais se vêm às voltas com a dicotomia apontada, sempre de difícil solução: ciência ou arte, teoria ou prática. É o tormento de todas as disciplinas de humanidades: a Medicina é ciência ou arte? Deveríamos falar em Ciências da Educação? E a Biblioteconomia, é ciência ou só um jeito de arranjar, uma metodologia? Isso revela que o problema do conhecimento, que desde Aristóteles vem sendo posto e repostado, se apresenta às nossas consciências filosóficas como prioritário na questão metodológica.

Deveríamos então perguntar: pra que lado pende a produção de conhecimentos em Biblioteconomia? Para o pesquisador bibliotecário é difícil fazer o casamento da Biblioteconomia com a Filosofia. O epistemólogo, por sua vez, desconhece a neura dos catálogos e das fichas (mais recentemente do usuário). De forma que a filosofia da Biblioteconomia se afigura como linha de pesquisa essencial, a fim de darmos direção ao nosso saber e à nossa prática; todavia, não pode ter essa linha a conotação de adorno, de apêndice, para dar corpo à disciplina-maior, mas ser ela mesma

constitutiva do corpo da Biblioteconomia. Por incrível que pareça, a pergunta *o que é a Biblioteconomia* está valendo tese de doutorado, porque ainda não foi suficientemente bem respondida. A pergunta é importante porque, dependendo da resposta que temos para isso, decorre toda uma produção científica pertinente. São duas as posições ligadas ao ato de conhecer; são também duas as posições ligadas ao fazer bibliotecário: ou se tem o bibliotecário apenas como um meio de transmissão entre o que gera e o que consome informação, não tendo nenhuma outra função se não a de canal entre dois pólos, ou se tem nele um animador do processo cultural, que, juntamente com outros animadores do mesmo processo (o cientista, o jornalista, o historiador, o professor), fazem a cultura social. O bibliotecário ligado no processo certamente arrisca uma síntese ao apreender o seu objeto, transformando-o e transformando-se.

De modo que, para analisar a produção de conhecimentos em Biblioteconomia, a contribuição da Filosofia é indispensável, tanto quanto o é para produzir mesmo esse conhecimento. A reflexão epistemológica tem mesmo de estar na base desse processo.

A reflexão não pode ser adendo da prática, pois esta só será transformadora quando tiver recuperado o seu sentido, que é sempre uma questão filosófica. A dicotomia teoria e prática, sujeito-objeto, pensamento e ser, consciência e natureza, é impen-sável numa abordagem transformadora. Por outro lado, a síntese é penosa, mas não significa que não devemos tentar.

2. REVELAÇÕES DE BLUMA PERITZ

O trabalho recente de Bluma Peritz, autora de uma universidade israelense em Jerusalém, traz importantes revelações para a discussão da relação sujeito-objeto em Biblioteconomia, embora a autora apenas identifique os métodos utilizados na pesquisa em Biblioteconomia, sem a preocupação de contextualizá-los filosoficamente. O trabalho é muito interessante (8); a autora analisa a produção científica publicada nos EUA e Inglaterra, diacronicamente de 1950 a 1975, através de análise em 25 revistas americanas, 11 inglesas e 3 revistas internacionais.

Por pesquisa a autora entendeu qualquer indagação conduzida de maneira sistemática com o propósito de elucidar novos fatos, conceitos ou idéias, o que naturalmente não incluiu noções de qualidade ou relevância, como ela esclarece.

Vejamos o que se passa nos centros hegemônicos para situarmos a pesquisa que estamos fazendo no Brasil.

Foram seis as metodologias identificadas:

1. Teóricas, isto é, metodologias matemáticas com aplicações de lingüística e lógica, trabalhos que envolvem alto nível de abstração, normalmente com aplicações matemáticas, lidando com noções de economia e eficiência, diferente portanto

do nível de quantificação das experimentais, que também amparam-se grandemente no rigor da quantificação;

2. **Surveys ou experimentais**, exluídas as constatações estatísticas rotineiras, este grupo permitiu a subdivisão em quatro grupos: a) pesquisas ao público, referindo-se apenas aos leitores reais e potenciais; b) *surveys* e experimentos realizados nas próprias bibliotecas e em seus serviços e operações, ou mesmo em pessoas não pertencentes ao público; c) estudos bibliométricos; d) análise de conteúdo;
3. **análises secundárias**, consideradas pela autora como uma nova reinterpretação em dados publicados anteriormente, dados reanalisados, estatística e logicamente;
4. **pesquisa históricas**, onde a caracterização deste grupo foi calcada na legitimidade das fontes primárias e na análise crítica das evidências documentárias;
5. **projeção de novos sistemas, procedimentos, métodos e instrumentos**, que foram considerados como pesquisa mesmo sem a evidência de terem sido realizados com sistematização;
6. o grupo de **Bibliografia descritiva**, que inclui bibliografia e crítica de texto.

Dos seis grupos identificados, qual é o que abarca a maioria das pesquisas em Biblioteconomia? Justamente as pesquisas empíricas, do tipo descritivas e experimentais. Em segundo lugar estão, quase empatados, a pesquisa histórica e a projeção de novos métodos. Seguem-se-lhes os trabalhos teóricos e as análises secundárias; em grupo ainda bem mais reduzido estão as análises de conteúdo que, embora sejam muito realizadas em ciências sociais, quase desaparecem na Biblioteconomia. Como surpresa, no primeiro grupo, a constatação de que não se faz tanta bibliometria assim, embora a autora reconheça a possibilidade de os estudos bibliométricos estarem sendo publicados em revistas de áreas paralelas.

3. PESQUISAS DESCRITIVAS E EXPERIMENTAIS

Passando os olhos pelos tratados de metodologia a gente nota que, embora haja diferenças técnicas na condução de uma e de outra, as pesquisas descritivas e as experimentais chegam mais ou menos ao mesmo resultado. Na descritiva (a pesquisa do questionário) não há controle/manipulação de variáveis, enquanto que o experimento é mais laboratorial: para se saber quem usa a biblioteca é só tornar o nome das pessoas que aí chegam, mas para se saber se o livre acesso às estantes possibilita maior ou menor uso da coleção já envolve um laboratório (um cantinho da biblioteca) para o experimento e os respectivos grupos de controle e de experimento.

A pesquisa descritiva funciona mais para confirmar o *status quo* da situação pesquisada, isto é, descreve o que acontece no real, enquanto que a experimental promete dar-nos a causa de tal fenômeno. Nos dois casos, com ou sem controle, o método é indutivo.

Naturalmente os temas, para serem descritos ou experimentados, não necessitam ser tão simples assim, como quem usa ou quem não usa a biblioteca, ou o efeito do livre acesso na utilização das coleções. Outras descobertas mais complexas são possíveis nesse quadro, bem como outras metodologias mais sofisticadas o são igualmente. Mas a nível de resultado o aspecto não muda muito: tem-se ao final algumas indicações quantitativas em relação à circulação de um livro, do catálogo, dos serviços em geral. Estas constatações, está claro, são fundamentais na construção de nosso objeto; é realmente por aí que a pesquisa deve começar, pelo que nos é mais imediatamente aparente, mas mesmo que essa aparência envolva hipóteses e teses, estamos nos movimentando na superfície empírica do objeto: é o objetivismo da coisa-em-si que estamos descrevendo no primeiro passo da pesquisa, que é justamente destacar do todo complexo aquela parte que nos interessa analisar: através do experimento ou da descrição, o objeto se vai nos revelando aos poucos, até que todo ele (que é sempre uma parte do real) esteja descoberto. Agora sim: já sei quais leitores e com quais livros, falta-me percorrer o caminho de volta, tomando a parte analisada e inserindo-a no todo, porque meu objeto (minha biblioteca, meus usuários, minha coleção) não está solto, mas em processo de íntima interação com realidades mais amplas, sempre históricas. É por isto que o materialismo da corrente empírico/objetivista/sensualista vira aqui materialismo histórico e o concreto vira concreto-pensado. O conhecimento adquire nesta terceira opção metodológica (em que não há polarização na relação sujeito-objeto) o seu caráter de verdadeiro, porque fundamento histórico.

Vejamos alguns exemplos de *levantamentos* e experimentações praticados em Biblioteconomia, segundo a compilação de Charles Buscha & Stephen Harter²: como exemplo de levantamento, a coqueluche dos anos 30-50 nos EUA, e que perdura até hoje como o grito da moda, é a satisfação do usuário em relação à coleção da biblioteca e os seus serviços, através da caracterização das fontes que mais utiliza (livros, revistas, jornais, rádio, televisão). O usuário de pesquisa bibliotecária é sempre um usuário da comunidade acadêmica e/ou profissional, e não o público em geral, menos ainda o estudante escolar (8:262). Outra área bem explorada é detectar as atitudes e opiniões de bibliotecários sobre sua profissão (*status*, prática, padrões e salários), bem como atitudes de estudantes sobre o currículo e a educação em geral, a compatibilidade de currículo com atividades desenvolvidas no mercado de trabalho, etc. Como exemplo de experimentos temos: escolha do melhor método de seleção de livros (quem seleciona melhor, o especialista ou o bibliotecário?), escolha do melhor catálogo, verificação do desempenho de vários sistemas de indexação, avaliação do efeito do treinamento de usuários no uso da biblioteca, etc.

Algumas das questões analisadas pelos americanos não nos são pertinentes: sindicatos, feminismo e racismo são temas típicos da Biblioteconomia americana. Outros já foram por nós incorporados, mesmo porque dizem respeito ao funcionamento interno das bibliotecas ou dos bibliotecários: auto-imagem profissional, análises de usuários e adequação de coleções de toda sorte, adequação profissional (quem faz o que), a influência da televisão sobre o hábito de leitura, todos estes

estudos com implicações sociométricas, cujas limitações já aponte em trabalho anterior⁶. A sociometria tem por "finalidades, a descrição e medição das relações sociais espontâneas que se produzem em todos os grupos humanos... mediante um método experimental que possibilite medir as relações de pessoa a pessoa, de pessoa a grupo e de grupo a grupo" (1:46) mas, como esclarece o filósofo "...não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo o que são na palavra, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens, da sua atividade real" (4:26).

4. NA PESQUISA HISTÓRICA

Na pesquisa histórica o que predomina é uma descrição de fatos, vitórias e derrotas, à moda de Romeu e Julieta, como já tive oportunidade de analisar⁵; o capítulo de pesquisa histórica em Biblioteconomia de Busha dá bem a idéia disto. A própria Peritz caracteriza a pesquisa histórica mais ou menos nesta linha, quando estabelece os critérios com que os classificou de históricos (uso de fontes primárias e análise crítica das evidências documentárias). Normalmente analisa-se a vida profissional de personalidades ilustres da área ou a história de bibliotecas individuais. É mais rara a ligação com fatores sociais e econômicos influenciando o desenvolvimento das bibliotecas, embora no Brasil tenhamos já, felizmente, alguns representantes desta linha. No mais, se se considerar que a pesquisa histórica é do tipo historicizante e fatográfica, o grupo das pesquisas descritivas engorda mais um pouco.

5. A BIBLIOTECONOMIA ENTROU NA SALA E FECHOU A PORTA

Temos então que, na construção de nosso objeto de pesquisa, uma primeira preocupação se impõe, e não é por acaso que essa preocupação é de ordem filosófica: afinal para que serve a biblioteconomia? Coloco a pergunta para me esclarecer: Qual é o objeto da Biblioteconomia?

A pergunta é pertinente porque, dependendo do objeto, escolhe-se o método. "O problema metodológico está intimamente vinculado à caracterização epistemológica dos objetivos das respectivas ciências, a tal ponto que a determinação da natureza de tais objetos pode condicionar o enfoque metodológico respectivo" (1:53). Pergunto: com que direitos a Biblioteconomia apoderou-se do método experimental para tratar o seu objeto? Responder-nos-ão os empiristas convictos: a Biblioteconomia é uma ciência empírico-social, ao lado da História, da Ciência Política, da Economia, Sociologia, Educação e outras de humanidades.

A pergunta persiste: com que direito as disciplinas empírico-sociais se equiparam àquelas naturais, como a Física, a Química ou a Biologia? Como sabemos, as ciências, dependendo da especificidade dos seus objetos, se distinguiram em formais (Lógica e Matemática), empírico-formais (Física, Química, etc.) e ciências hermenêuticas ou interpretativas, que são as ciências humanas. Embora esta crítica já tenha se tornado senso comum na literatura de metodologia da pesquisa (o emprés-

timo que as ciências sociais fizeram às ciências naturais), a questão metodológica central para a Biblioteconomia só pode se aclarar quando o *fundo do saber* estiver suficientemente esclarecido. Embutido nele então as questões epistemológicas fundamentais: afinal, para que serve a Biblioteconomia?

Para se apoderar do método experimental, a Biblioteconomia teve antes de enclausurar o seu objeto na formalização do mensurável, onde tudo se subordina ao fenômeno em si mesmo. Sofre desta forma a crítica de muitos metodólogos: "... a experiência só nos pode dar conhecimentos contingentes, particulares, nunca o universal que busca a ciência. Em consequência, se queremos que o princípio do empirismo seja válido, caímos no círculo vicioso de submetê-lo a um tipo de verificação que apenas mostra sua necessária relatividade, com o que perde o seu caráter de princípio necessário" (1:61). A questão agora é como engendrar o saldo qualitativo, a partir da quantidade.

A aplicação excessiva dos métodos empíricos mantém os olhos do pesquisador voltados para o problema particularizado, viciando-o no problema a ponto de causar-lhe aquilo que em Marketing chama-se miopia, isto é, concentrar-se no produto, e não na necessidade ou fim a que se destina. Uma das características da ciência moderna, colocada por Pereira (7:47), é a funcionalidade: "...ao cientista não interessa dizer o que é ou o que são as coisas, mas relatar como está sendo processada uma experiência e a quanto ou a que medida a mesma se processa, tendo em vista unicamente seus resultados".

Sem querer entrar muito no problema de demarcação científica e querendo mesmo evitar a polêmica *ciência ou arte*, até porque considero essa discussão um tanto estéril, gostaria só de deixar algumas idéias já por demais conhecidas e que ajudam a entender a excessiva base empírica sobre a qual repousa a Biblioteconomia. Quando a disciplina carece de teorias, ela tem que basear-se no empírico.

Diz-se que a ciência não tem um fim prático imediato, embora possam derivar das ciências várias práticas, como por exemplo, a Química não é uma profissão, é um conhecimento que pode ser aplicado na agricultura, na Engenharia, na Medicina; estas últimas sim, são práticas empíricas, voltadas para a aplicação imediata e que empregam muito conhecimento das ciências; são quase-ciências, porque reúnem condições para ser ciências mas não o são completamente por não se enquadrarem nos estatutos das empírico-formais. Tal é o caso da Biblioteconomia; às voltas com serviços, a Biblioteconomia vai buscar em outras ciências as teorias de que necessita. Tudo indica que a Ciência da Informação se apresenta como aquela tia rica, parente abastada de teorias que vai dar o arcabouço teórico à sobrinha vovó. Como ciência fátual que é (quase-ciência?) a Biblioteconomia privilegiou o método experimental e observacional, que é o mesmo das ciências fáticas, prendendo-se à relação causa-efeito, exatamente como se dá nas ciências que trabalham o objeto natural.

De quase todos os compendiadores de metodologia da pesquisa (pelo menos os mais críticos), o conselho é o seguinte: temos que mediar a quantidade com a qualidade, isto é, tomar a lógica formal como parte subordinada da lógica dialética, e nunca esgotada em si mesma. "O empirismo tem razão ao pensar que se deve partir do sensível, mas erra quando nega que seja necessário superar o sensível; o racionalismo tem razão em crer nas *idéias*, mas erra ao substanciá-las metafisicamente,, situando-as fora do real que elas conhecem" (3:112).

Concluindo, na relação sujeito-objeto tudo faz crer que a Biblioteconomia faz o pêndulo oscilante: ou tem-se reflexões epistemológicas sobre o processo de comunicação, aonde a Biblioteconomia é o elo que *contribui para maximizar a utilização social dos registros gráficos para o bem da humanidade*, como se a humanidade não pudesse viver sem a Biblioteconomia e, neste caso, ela é tão mais senhora quanto maior for a consciência criadora do sujeito que a idealiza, ou tem-se trabalhos tão empiricamente bem construídos que o sujeito se sente intimidado de no-los apresentar, pois o seu *produto* lhe *escapa* como algo estranho. A atividade prático-sensível, tão reclamada pelo filósofo, não chega a se impregnar do sujeito que a pratica, que está alheio ao seu objeto e por ele dominado. A metodologia, por sua vez, também não pode ser estudada à parte do objeto, como um outro algo estranho, um receituário ou um fim em si mesmo.

Ao ressaltar o papel da consciência na pesquisa e a sua relação com o método, Alvaro Vieira Pinto, condenando o primorismo metodológico, vai mais longe ao afirmar que "os métodos são a própria pesquisa no seu exercício eficaz... enquanto regra de ação, o método só existe consubstanciado na própria ação"... e ainda "por definição, a consciência é método... não basta dizer que se define (o método) como o caminho para um fim... o método brota na natureza da consciência, é uma exigência dela... o método é, na verdade, a forma exterior, materializada em atos, assumida pela propriedade fundamental da consciência, a sua intencionalidade... intencionalidade e método são uma só coisa" (9:373).

E ainda não resisto a citar o autor mais uma vez no que há de melhor no capítulo intitulado *A consciência, a alienação do trabalho e o método científico*: "O conceito de método como pura técnica lógica, fornecida *de fora*, à consciência para que alcance os fins a que visa, vicia totalmente a compreensão do tema. Se epistemologicamente concebemos o método destacado de consciência cria-se o problema da justificação dele, o que racionalmente só pode ser feito pela intervenção de outro método, que por sua vez teria de ser justificado, numa corrente sem fim... o método em si não exige justificação, como tampouco a exige a consciência... o que exige justificação é a qualidade de um método particular, se bem ou inadequada para o fim a que se destina" (9:374).

É por isto que a pergunta procede: A Biblioteconomia, a que será que se destina?

Artigo recebido em 15-6-83

Abstract

The production of knowledge in Librarianship

Analyses the production/research in Librarianship, with reference to the theory of knowledge within the relationship subject/object.

REFERÊNCIAS

1. ASTI VERA, A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre, Globo, 1980. 223p.
2. BUSH, C. & HARTER, S. *Research methods in librarianship; techniques and interpretation*. New York, Academic Press, 1980. 417p.
3. LEFEBVRE, H. *Lógica formal e lógica dialética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. 301p.
4. MARX, K. *A ideologia alemã I*. Portugal, Editorial Presença, s.d.
5. MOSTAFA, S.P. *Biblioteconomia e História: uma abordagem dialética*. *R. Bras. Bibliotecon. Doc.*, 14(1/2):47-51, jan.jun., 1981.
6. ———. *Desafio à pesquisa de informação latino-americana: linha temática e linha metodológica*. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1º, ANAIS, v. 1, Salvador, FEBAB, 1980. pp.313-31.
7. PEREIRA, O. *O que é teoria*. São Paulo, Brasiliense, 1982. 92p.
8. PERITZ, B. C. *The methods of library science research: some results from a bibliometric survey*. *Library Research*, 2,251-68, 1980-81).
9. PINTO, A.V. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 537p.
10. DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1980.